

TÉCNICAS DE PROJETO

UMA PROPOSTA PARA RADIOJORNALISMO

Plano de Projeto de Conclusão de Curso
Elaboração- Sílvia Lara Zamboni
Orientação do projeto- Eduardo Meditsch
7ª fase - Com. Social -
JORNALISMO

Fpd's 89/L

"A rádio não só atravessa as fronteiras entre os países, também faz transparentes os muros que dividem o próprio país e as diferentes classes sociais. Estimula a unificação da cultura popular, centraliza e coletiviza".

Rudolf Arnheim.

UMA PROPOSTA PARA RÁDIO JORNALISMO

Depois de fazer uma análise dos programas das rádios AMS de Florianópolis, mais especificamente da Rádio Diário da Manhã do Grupo RBS de Comunicações, e da Rádio Guararema da Rede de Comunicações Eldorado (RCE), percebi que existe uma lacuna na programação destas emissoras. Na minha visão, a rádio AM não cumpre suas funções sociais: informar e funcionar a serviço da comunidade.

Observando a programação dessas emissoras, quase que diariamente, durante dois meses (abril e maio de 89), constatei que o conteúdo veiculado não atinge o seu objetivo principal num meio de comunicação de massa: comunicar e comunicar para o seu público alvo. Quero dizer que falta uma ligação entre Fonte - Emissor - Canal - Mensagem - Destinatário. Parte desse elo está rompido. A comunicação vai mas não volta. Porque? Numa visão prática da coisa, é possível perceber que a maior barreira está entre a fonte e o destinatário. É preciso que em primeiro lugar esses dois pontos estejam andando em paralelo, para o mesmo caminho. A fonte não está informando o que o ouvinte quer saber. A mensagem produzida pela fonte, o fato em si, é muitas vezes decapitado pelo emissor. O canal é a segunda peneira. Quando chega ali, a mensagem já está deturpada e acaba chegando ao destinatário, que no caso é o ouvinte, sem nenhuma identificação com ele.

O que ocorre é que o rádio tornou-se um estranho para o ouvinte. Ele penetra dentro da sua casa, da sua vida, como um intruso. Não existe a identificação do ouvinte com a mensagem, com o canal, menos ainda com o emissor e praticamente, não há nenhuma relação de interesse entre fonte-fato e ouvinte. É necessário, até para valorizar o rádio como meio de comunicação, que haja um inteiramento entre fonte e destinatário. E para isso, por que não fazer do ouvinte a fonte da comunicação?

As emissoras estão se esquecendo, deixando de lado a sua matéria-prima: o ouvinte. De acordo com Luís Bassets, "a rádio atual é fundamentalmente um meio informativo e de entretenimento, no sentido menos artístico da expressão." Isso significa perder a força de penetração, ou melhor, desvalorizar a força de penetração que tem o

rádio como meio de comunicação barato e versátil. Sim, o rádio é ainda, tecnicamente falando, um aparelho barato. Concordando com o conceito de Rudolf Arnheim sobre essa questão, "Nós estamos educados de tal maneira que só nos manifestamos pelo que custa caro. Estamos acostumados a que o bom é caro, enquanto que o que é barato tem muito pouco valor. A humanidade pode aprender algo da rádio: a diferença que pode haver entre o valor e o preço das coisas". Além disso, o rádio tem outros trunfos: é portátil, não depende de energia elétrica e pode ser ouvido em qualquer lugar. É claro que a TV está chegando lá, neste sentido, mas não é tão acessível como um rádio.

Porém o rádio perde noutro ponto. Com a chegada da imagem, o rádio perde sua particularidade como meio de expressão e passa a ser um simples meio de difusão. "Os gêneros dramáticos de grande audiência, os grandes concursos, as grandes transmissões de interesse humano destinadas a pôr em prova as possibilidades infinitas da audiência, são hoje um terreno quase exclusivo da televisão", confirma Arnheim.

A rádio AM tem por natureza a audiência de um público de classe baixa, donas de casa, servente de pedreiro, doméstica e por aí a fora. Na verdade, existe muito preconceito em torno do rádio e principalmente do rádio AM. 'Ouvir AM é brega'. Mas muita gente se esquece do potencial de uma emissora AM. Embora esteja meia perdida entre as suas funções, e talvez justamente isso tenha levado a rádio AM ao descrédito, ela é ainda a que traz mais informações. E há aí uma contradição. A classe dita intelectual, que não houve rádio AM é justamente a que se julga mais informada, com sede de se informar, mas sem tempo para fazê-lo. Então porque não ouvem AM? Enquanto dirige, conversa é possível saber do que está acontecendo ao redor sem ter que parar para fazer especificamente isso.

A rádio FM atual não passa de um banho de ruídos que produzem a sensação de uma atividade dirigida e despersonalizada. Apesar desse conceito que é dominado pela classe intelectual, ela não procura alternativas, como seria a rádio AM.

Enquanto isso, por falta de condições econômicas de comprar um jornal, revista, livro ou uma TV, ou quem sabe, por não saber ler, as classes mais baixas procuram um meio de comunicação para se identificar. Assim, o trabalhador que é injustiçado socialmente, re-

primido, discriminado, banido da sociedade consumidora, elitista, que detém os meios de comunicação é discriminado até nisso, na comunicação. No livro *Introdução à Peça Radiofônica*, George Bernard Sperber justifica essa postura: "A burguesia inventou o rádio, mas escolhe o silêncio ou a mistificação, pois não tem nada a declarar", com medo, talvez, de que o ouvinte tenha acesso a sua comunicação querendo reverter a situação. Creio também que, a burguesia tem muito para falar, mas não é de seu interesse fazê-lo.

Falando de meios de comunicação em geral, Roland Barthes explica no livro *O prazer do texto*, que "a classe burguesa não tem o menor gosto pela linguagem, que aos seus olhos nem sequer é um 'luxe', um elemento de uma arte de viver, mas apenas um instrumento ou um cenário." E da linguagem popular desaparece qualquer atividade mágica ou poética: "é o fim das metáforas, é o reinado dos estereótipos impostos pela cultura pequeno-burguesa". É a cultura de massa, com sua forma bastarda, sem conteúdo, com a ideologia da classe dominante, que varia em formas superficiais: há sempre livros, emissões, filmes, novos, fatos diversos, mas é sempre o mesmo sentido.

Diante desta visão de dominação dos meios de comunicação é que introduzo uma alternativa para a programação de rádio AM. Usando novamente as palavras de George Sparber, "A intenção é transformar o rádio de aparelho de emissão em aparelho de comunicação: não apenas transmitir, mas também receber. Não apenas fazer o ouvinte escutar, mas, fazê-lo falar".

Colocada a base da questão, acho que vale agora situar mais especificamente a minha proposta dentro da programação destas rádios. Em primeiro lugar quero explicar porque escolhi as duas emissoras citadas no início, para servirem de parâmetro para este trabalho. Conforme informações colhidas através do IBOPE, a rádio Diário da Manhã e Guararema são as mais ouvidas na Grande Florianópolis. E o carro-chefe tanto numa quanto na outra emissora é uma programação onde há a participação do ouvinte com "ouvinte-conselheiro" (conceito criado pela professora de Comunicação Social, Carmem Rial). Na rádio Diário da Manhã, o programa Tribunal do Povo leva mais de 50% da audiência dos programas da rádio, e vence inclusive as outras emissoras no horário do programa. E na rádio Guararema, o programa

Você é o Juiz também é o de maior audiência da rádio e compete com o programa Tribunal do Povo. Nestes programas o ouvinte participa mais intensamente, dá a sua opinião, o seu veredicto, para um problema de caráter moral apresentado pelo locutor.

Os temas narrados são os mais variados e quanto mais 'picantes', melhor. Assuntos como sexo, religião, racismo, casamento, vaidade, traição, homossexualismo, vícios são os mais frequentes. Para dar uma visão mais ampla dos temas que são abordados no programa, seguem alguns exemplos :

-Sexo:

"Seu marido sempre foi muito criativo sexualmente, chegando às vezes a assustá-la, mas agora foi demais, ele está querendo participar de troca de casais."

"Um incrível dilema de uma ouvinte, que apesar de nunca ter mantido relações sexuais com um homem, tem dúvidas se é ou não virgem."

-Homossexualismo:

"O desespero de uma mãe que não consegue entender a atitude da filha que terminou o casamento para viver com outra mulher."

-Traição:

"Ha muitos anos, ela traiu o marido e teve um filho com outro homem. Seu marido nunca soube de nada, e hoje depois de 19 anos, ela não suporta mais esconder este segredo."

-Vício:

"A revolta de um garoto de dez anos com seu pai que bebe, e quando chega em casa insulta a sua mãe, ele e seus irmãos. Diz ainda que a situação em sua casa não é nada boa, que passam frio e que sua vontade é de sair pelo mundo."

-Vaidade:

"O sofrimento de uma jovem de 20 anos que está noiva e que nunca mostrou as pernas para o noivo, pois tem vergonha. Tudo porque ele gosta de pernas bonitas e as dela, a cada dia que passa, se enchem de varizes."

-Racismo

"Mesmo contra a vontade dos pais, ela se casou com o homem que amava, que é negro. Segundo ela, esta é a mágoa que vai carregar por toda vida, pois mesmo 5 anos depois, eles continuam a desprezá-

la.

-Religião:

"Ela tem 17 anos e está muito preocupada com reencarnação, na qual acredita piamente. Acha inclusive que depois que as pessoas morrem podem voltar à vida em forma de animais e está com medo de morrer."

Assim são 'chamados' os casos que são narrados no programa. E para elucidar melhor a questão, julgo válida um explanação mais ampla do que são, na realidade, esses dois programas, mencionados acima. Antes porém, gostaria de abrir mais um parenteses. Falo apenas destes dois programas, por serem os de maior audiência na programação diária das rádios como já disse, e por que o restante da programação das duas emissoras selecionadas para a amostra, se caracteriza por ser quase que exclusivamente musical, e de entretenimento, onde existe também a participação do ouvinte, mas como animador, ou seja, ele participa para oferecer músicas, adivinhar nos jogos musicais que oferecem prêmios, e por aí vai (a rádio: "onde um fala sem poder ouvir e onde todos os demais ouvem sem poder falar" conceitua Rudolf Arnheim). Além disso, a minha proposta prevê que os programas desenvolvidos neste projeto sejam veiculados de manhã, o que me levou a reduzir ainda mais a amostra do objeto pesquisado.

-Detalhamento do Programa

Para explicar a estrutura dos programas Tribunal do Povo e Você é o Juiz, utilizo um trabalho desenvolvido no segundo semestre de 1988, quando fiz um estudo de caso sobre o programa Tribunal do Povo, para conclusão da disciplina Técnicas de Pesquisa em Comunicação. O objetivo do trabalho era resgatar a importância social do rádio, e a sua influência sobre a população ouvinte.

O programa Tribunal do Povo, veiculado pela rádio AM Diário da Manhã, vai ao ar de segunda a sábado, a partir das 8:30h da manhã desde 1983, sendo então o primeiro programa a surgir neste gênero, na produção radiofônica local. Com a duração de uma hora ou pouco mais, dependendo do número de participantes, o programa é apresentado pelo radialista Walter Filho, que fez do programa a sua marca registrada. Todos os dias, um caso chega até a produção através de cartas de ouvintes anônimos, ou na falta destas, a produção, co-

mandada por Roque Rosseto, elabora cartas-casos.

Existe toda uma preparação do clima do programa, predominando os sentimentos de tristeza, melancolia, piedade. O locutor tem a voz embargada e usa expressões fortes, o que é uma característica do programa. Já na chamada pode se detectar um exemplo disso: "Casos reais e até desumanos..." A atração do ouvinte é certa. Porquê? O produtor Roque Rosseto diz: "quem não gosta de saber da vida do vizinho?"

O programa começa com uma música melancólica e fica como pano de fundo durante a apresentação do caso. O locutor então, acompanha o clima criado pela música e narra de maneira comovente. Depois de apresentado o caso aos ouvintes a música volta a tomar conta do programa, e então é a vez do ouvinte falar. Os "ouvintes-conselheiros" participam por telefone para dar sua opinião ou simplesmente uma mensagem. São atendidas cinco ou seis ligações por dia sendo que alguns ouvintes telefonam antes mesmo do programa começar a fim de garantir sua participação. A frequência da participação de um mesmo ouvinte é muito grande. O ouvinte telefona para "ajudar o amigo que precisa de uma palavra de conforto" (ouvinte). Depois de algumas participações a intervenção de uma música, sempre correlata ao caso, indica a metade do programa, que prossegue com participações dos ouvintes.

Existe uma relação muito particular entre ouvinte e apresentador. Conforme o locutor José de Alencar, que substituiu Walter Filho durante a campanha municipal que houve em 88 e que coincidiu com o período do desenvolvimento do trabalho, a participação das donas de casa é maciça, devido ao horário em que o programa é veiculado e também por adorarem o rádio, "elas se sentem nossas companheiras de trabalho", diz ele.

Antes de finalizar esse capítulo, é importante salientar o cunho religioso que envolve o programa. As situações apresentadas são as mais diversas, como já citei anteriormente, mas o ouvinte procura sempre, em sua mensagem, passar a fé cristã. Um registro interessante dessa participação cristã no programa aconteceu no dia sete de junho deste ano.

No programa daquele dia, uma mulher, que não se identificou, escreveu para pedir ajuda, pois "há anos sofre de uma doença es

tranha. Seu corpo se encheu de feridas depois da última gravidez, e ela não sabe mais o que fazer para curar..." Neste dia, a maioria das ouvintes que participaram do programa sugeriram a "fé" como solução para o problema. Centros espíritas, templos, terreiros, foram citados como salvação, pelas ouvintes que também usam o anonimato ou pseudônimos para participar do programa. E durante a falação de uma ouvinte, o locutor Walter Filho interrompeu-a e praticamente explodiu: "Esse negócio de só ter fé não leva a nada, é preciso trabalhar, ir ao médico. Deus é o salvador das pessoas e das almas, mas, não cura ninguém... A fé não é tudo..." Houve então uma discussão com a ouvinte e com outras que vieram a participar. Nesse momento Walter Filho criticou o anonimato dos ouvintes e o programa terminou num clima tenso.

Assim como o Tribunal do Povo, o programa Você é o Juiz tem a mesma estrutura e o mesmo conteúdo.

-A Arte de Falar à Todos.

Esses programas seriam uma espécie de peça radiofônica, onde as cartas são as histórias e o locutor o narrador do drama. Além de narrar, ele dramatiza a situação apresentada, tentando passar através de uma entonação adequada, as características de drama a sua narração. Esse mecanismo de dramatização do conteúdo pode ser explicado com um conceito de Roland Barthes em Elementos de Semiologia: "A fala é essencialmente um ato individual de seleção e atualização, constituem-na, primeiro, as combinações graças às quais o falante pode utilizar o código da língua com vistas a exprimir o pensamento pessoal", e depois os "mecanismos psicofísicos que lhe permitem exteriorizar estas combinações".

A língua e a fala estão, portanto, numa relação de compreensão recíproca. "A língua é o tesouro depositado pela prática da fala nos indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade". Assim, o ouvinte se envolve na história, no caso, no drama narrado pelo locutor, e também participa desta peça radiofônica. As pessoas que telefonam para participar também estão envolvidas pelo clima do programa. A convicção e a emoção que elas transmitem completam o diálogo desta peça radiofônica.

A voz do locutor tem um valor específico e determinante na peça Tribunal do Povo. O locutor descorporifica a voz e a voz faz

parte do show da apresentação e é entonada no sentido de permitir ao ouvinte exercitar a imaginação. Usando mais uma vez as definições de Rudolf Arnheim: "Na rádio, os sons e as palavras revelam a realidade com a sensualidade do poeta, e nela se encontram os tons da música, os sons do mundo e do espírito, penetrando assim a música no mundo das coisas; o mundo se enche de música, e a nova realidade criada pelo pensamento se oferece de modo muito mais imediato e mais concreto do que no papel impresso". E em George Sperber, "a voz é entendida como a 'expressão da psique', como meio fisiológico de uma exteriorização do subconsciente e do inconsciente, de sentimentos e de condições patológicas".

Talvez consciente, talvez inconscientemente, o locutor de Tribunal do Povo assim como do Vecê é o Juiz. Já aos programas a participação especial, e diria até, fundamental da voz, com a característica peculiar da entonação. Fica evidente a importância da personalidade do locutor na produção de uma peça radiofônica como Tribunal do Povo ou Vecê é o Juiz.

No rádio a voz tem função específica, "ela é a imagem de alguém que, óticamente não a tem", diz Sperber. Na rádio nada é visível, a grande estrela é a voz, o som. "É necessário que os atores que interpretam as obras radiofônicas estejam disfarçados ou se disfarçam com as características vocais que os papéis exigem. Em tratando-se somente de vozes, a particularidade há de residir precisamente na voz. Só assim se imprime a ação e o sentido à interpretação. Caso contrário, o ouvinte tem dificuldade para compreender o texto".

Se define então, o objetivo de toda essa encenação oral: comover interiormente o ouvinte. Uma tarefa difícil, já que não há qualquer contato pessoal entre os dois. O ator radiofônico (no caso, o locutor), conta apenas com as oscilações de sua voz para despertar no ouvinte, através de sua força de imaginação, sensações e emoções. E sendo assim, o programa conduz o indivíduo para si próprio e para o conflito consigo mesmo, o que por final resulta no esperado: a participação.

A pesar de ser um meio de comunicação de massa, "o rádio leva o ouvinte para a vivência isolada e não para a vivência coletiva, Embora possa contribuir para uma experiência coletiva", conforme George Sperber. Fazendo então mais uma vez, um jogo de definições. Mesmo recebendo uma corrente de mensagens do rádio, o ouvinte tem

a possibilidade de 'viajar em seus pensamentos', ao mesmo tempo que pode desenvolver outras atividades, pois o ouvinte não se senta ocioso diante do aparelho.

Frente todas essas possibilidades de fuga do ouvinte, a rádio precisa seqüestrá-lo de um modo tão perfeito como se fosse necessário lograr seus efeitos. "A emissão há de combater não só para chegar ao ouvinte, como também contra o ambiente em que ele se encontra submergido, se contenta com que o ouvinte escute-a as meas, já que as necessidades psicológicas que correspondem a rádio são satisfeitas com uma atenção superficial", define agora, Rudolf Arnheim. Ele diz também, que "a obra radiofônica, apesar de seu caráter abstrato e oculto, é capaz de criar um mundo próprio, de maneira que não se necessite nenhum tipo de complemento visual: como a radiocomédia ou a transmissão de uma reportagem."

Percebe-se então, a importância da voz na narração. A narração tem que ter a força suficiente para raptar a imaginação do ouvinte, como já disse e torno a frisar. Mas como seqüestrar o ouvinte? Arnheim responde: "É preciso falar 'para' o ouvinte e não 'com' o ouvinte." E é nesse sentido que pretendo introduzir uma proposta. Contudo, acho necessário abrir mais um capítulo antes de esclarecer essa proposta.

- Sobre o Ouvinte.

É importante, se não fundamental, sabermos o perfil do ouvinte que provavelmente vamos ter. Para isso baseio-me novamente no trabalho desenvolvido sobre o programa Tribunal do Povo. Notou-se através de entrevistas, que a população ouvinte se constitui na maioria por mulheres, donas de casa ou funcionárias públicas por meio período, e a faixa etária das ouvintes que participam fica entre os 40 e 50 anos. O mesmo é válido para os homens. Outro fato curioso, é que todos os ouvintes entrevistados são muito religiosos e sentem-se fazendo o trabalho de Deus aqui na terra, ajudando a quem precisa (como já foi explicitado anteriormente), sem saber que muitas vezes, suas mensagens de apoio vão para uma carta fabricada no estúdio. Segundo Roque Rosseto, isso não significa uma traição, porque apesar de não haver um remetente real da carta, certamente existem muitas pessoas com os problemas levantados pelo caso criado, e que de uma forma ou de outra interiorizam os conselhos dados pelos ouvintes.

Experiências como o programa Tribunal do Povo, também se deram na TV Barriga Verde, onde o apresentador Cezar Souza fazia o programa de auditório "O Povo na TV". Antes disso, existiu o "O Povo na TV", no SBT em São Paulo. E agora o apresentador Cezar Souza tem um novo programa na RCE, com características semelhantes ao programa Tribunal do Povo ou Você é o Juiz, mas adaptados para a TV.

A partir daqui, creio que é possível ter-se uma noção do caminho por onde pretendo andar. É claro que o objetivo não é fazer uma novela, mas fazer rádio jornalismo, o que não significa que uma peça radiofônica não seja uma obra jornalística. Mas não cabe aqui esta discussão, fica portanto, como sugestão para um trabalho a ser desenvolvido em outras circunstâncias. Quero propor uma rediscussão das rádios AMs enquanto agente social, e oferecer uma alternativa para o ouvinte. "Para nós, o rádio, ainda que seja o instrumento de maior penetração no povo brasileiro, parece um aparelho moribundo, medíocre e limitado", essa afirmação de George Sperber no livro Introdução à Peça Radiofônica, revela com sensatez a importância da Rádio brasileira e sua credibilidade. Está na hora de nos conscientizar-mos que o rádio é uma arma, como todo meio de comunicação talvez até seja uma arma mais potente, devido a sua penetração na massa e sua capacidade de levar um acontecimento para o ouvinte praticamente no mesmo instante, é só querer. E também é muito mais fácil haver um retorno da comunicação através do rádio. O acesso do ouvinte deveria ser um complemento às programações radiofônicas. É claro que existe o outro lado da moeda. É certo que muitas pessoas já se deram conta do poder do rádio, e talvez justamente por isso continuam aceitando ou ignorando o modelo da rádio AM brasileira. Toda regra, evidentemente tem exceção. Aqui no Brasil existem emissoras com um grande potencial jornalístico em suas programações, como por exemplo a Rádio Jovem Pan de SP. Mas a nível de Florianópolis, o único trabalho que as rádios AMs desenvolvem no sentido de transmitir com instantaneidade um fato jornalístico, é a transmissão de esportes (a setorização dos Meios de Comunicação de Massa) e quando acontecem greves na cidade, como ocorreu no mês de maio deste ano quando o Transporte coletivo parou devido a uma greve. Aí houve a preocupação de informar!

É muito mais fácil vender um programa esportivo ou musical, do que um programa jornalístico. "Jornalismo não dá lucro",

quem já nou ouviu esta frase? Isto é uma visão pequena da capacidade que um meio de comunicação tem de informar e do interesse do espectador em se informar. "É necessário que sejam feitos investimentos iniciais para que o produto jornalístico a ser apresentado tenha qualidade, conseguindo assim o retorno publicitário", defende a escritora Gisela Ortrivano em a Informação no rádio - os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.

- A proposta.

O programa-projeto que pretendo desenvolver, estará diretamente ligado com as comunidades e será voltado para elas esperando o retorno comunicativo e informativo que elas proporcionam. Creio que no Brasil da inflação, da fome, da corrupção, da falta de educação, de saneamento, moradia, transporte, desemprego, e tantos outros problemas, deve existir muita gente querendo saber como fazer para melhorar a vida do seu bairro e sua própria vida. Na minha opinião, esta seria a real função do rádio na sociedade. E quanto as possibilidades de se desenvolver um projeto como este, creio que não haverá muitas barreiras, pelo menos do lado receptor da comunicação.

A intenção do programa-projeto, volto a dizer, não é comover, emocionar. Esse artifício de audiência não será usado, e nem a invenção de problemas, já que a intenção é deixar o ouvinte falar da sua situação.

O programa deve ir ao ar diariamente, na parte de manhã e ter no mínimo meia hora de duração, sem uma estrutura fixa. Para executar o programa há a necessidade de uma equipe específica, que a princípio teria que ser composta por um jornalista-pesquisador, um repórter, um produtor que se encarregaria dos contatos e um apresentador, que seja de preferência jornalista. O jornalista-pesquisador seria o responsável pelas pautas, pelo material de apoio, o repórter atuaria como entrevistador, o produtor se encarregaria dos contatos e o locutor faria o papel de intermediador entre entrevistados e repórter, como também eventualmente, seria encarregado das entrevistas. Atualmente apenas uma rádio, a Guararema, conta com umimóvel, que geralmente se ocupa com rondas policiais, ou com os fatos quando eles já estão acontecendo: greves, engarrafamentos na ponte, etc. Neste projeto a intenção é chegar aos fatos antes, descobri-los, procurá-los.

A idéia é a seguinte:

Cada programa vai tratar de problemas das comunidades da Grande Florianópolis. Com o auxílio do jornalista-pesquisador, serão levantados, em um bairro, problemas que os moradores enfrentam por irresponsabilidade política, administrativa, ou coisa que o valha. O pesquisador também fornecerá dados de apoio como: quantos habitantes tem no bairro, quantos são atingidos pelo problema, como se estrutura a comunidade, e assim por diante. Então será a hora do repórter ir na comunidade, ouvir, deixar o ouvinte falar. A partir daí o produtor entra em ação contactando com o responsável pelo problema.

Por exemplo: O pesquisador detecta que no Morro do Mocotó, uma comunidade periférica de Florianópolis, não existe coleta de lixo. O repórter vai ao Morro com a unimóvel e entrevista moradores a respeito. Enquanto isso o produtor aciona a Comcap, órgão responsável pela coleta de lixo e "passa a bola" para o locutor que entrevista o responsável.

Mas a estrutura terá que ser completamente maleável, pois um programa pode ser ocupado somente por denúncias e outras pelas respostas. O papel da equipe também será maleável. O repórter pode entrevistar o prefeito na própria prefeitura, por exemplo, invertendo conseqüentemente as outras funções. O ouvinte também poderá ser repórter. Sua participação pode ser ao vivo, no estúdio, quando haverá um contato com o responsável. O mesmo pode acontecer por telefone quando um 'responsável' estará no estúdio, e assim por diante. Ou então, se o problema for apresentado num dia, no outro o repórter pode levar o responsável (prefeito, vereador, casan, etc.) ao bairro e lá será feito o programa. Nesse caso o locutor será o mediador, com até as prováveis participações de ouvintes por telefone. Mas o programa pode também se ocupar de outras coisas. Mais um exemplo: o novo Presidente da Casan toma posse hoje. Porque não irmos à solenidade e aproveitar para saber como ele vai resolver o problema tal? Ou, o Secretário da Saúde visita a Colônia Santana. Porque não vamos acompanhá-lo para saber como vai resolver os problemas de saúde do povo. Sids, meningite, desidratação, ... é só questão de coordenar as coisas. Estas são algumas formas pelas quais o programa poderá acontecer.

Tudo depende do ouvinte, que poderá participar do programa de diversas maneiras. E o programa seria estruturado, então, conforme as necessidades se apresentar em.

Mas é preciso deixar claro aqui, que o programa-projeto será feito com entrevistas gravadas, por falta de uma equipe e de equipamentos.

Para fazer um programa como este, existe inclusive um certo amparo legal. Um projeto constitucional apresentado pela Deputada Bete Mendes, que pretende regionalizar a comunicação.

Transcrevo agora alguns trechos do projeto de lei:

"O CONGRESSO NACIONAL DECRETA:

Art. 1º- Todas estações de TV e rádio do país, localizadas em centros de mais de 300.000 hab., estão obrigados a transmitir, no mínimo, 60 por cento de programação cultural nacional, dos gêneros jornalístico, cinematográfico e tele-rádio-teatral, utilizando artistas e técnicos brasileiros, aqui incluídas, quer a programação em rede nacional, quer a programação regional ou local.

Art. 2º- Ao lado daqueles emitidos em rede nacional, Rádio e TV, manterão obrigatoriamente, programas jornalísticos de realização regional ou local, no mínimo duas vezes ao dia.

Art 3º- Além dos jornalísticos, todas as estações geradoras de TV e rádio locais e regionais são obrigadas a programar e exibir, no mínimo, 30% de trabalhos culturais ao vivo ou em vídeo-tape, ou gravados, feitos na região, com 50% de pessoal técnico e artístico local ou regional.

Art. 5º- Além das três horas destinadas à programação cultural, é obrigatória a exibição e veiculação diária de mais uma hora de comerciais de realização regional."

A luta é em prol da manutenção e ampliação do mercado de trabalho nos meios de comunicação, de forma que possibilite o profissional exercer sua profissão na sua própria região, e para o seu próprio povo. É preciso acabar com a padronização nacional da comunicação, é preciso dizer ao povo o que ele quer ouvir, e ele quer ouvir o que lhe está próximo, atual, palpável.

- Primeiro Contato - Monte Verde.

Bem, chegou enfim, a hora de agir. Como primeiro passo prático do desenvolvimento do projeto escolhi aleatoriamente uma comunidade da periferia da Ilha. O bairro escolhido foi o Monte Verde. É importante que fique bem claro que a localidade foi escolhida aleatoriamente.

O Monte Verde situa-se a beira da SC 401 que leva às praias do norte da Ilha capital.

Na primeira visita de reconhecimento ao local minha atuação ficou restrita a percepção da estrutura civil da comunidade já que o mau tempo não permitiu um contato mais direto, íntimo com os moradores do bairro.

O Monte Verde caracteriza-se por ser um bairro dormitório. É povoado por cerca de 480 casas construídas originariamente pela Cohab (Companhia de Habitação de Santa Catarina) e depois revendidas. Um Centro Comunitário e uma associação de Moradores, a Aprocom, se encarregam dos serviços administrativos do bairro. O Monte Verde conta com um centro comercial (supermercado, padaria, farmácia e uma bar), e com um projeto alternativo de coleta de lixo - o projeto Beija-Flor - administrado pela Aprocom. Além disso, o bairro tem um problema crônico de esgoto e do famoso transporte coletivo.

O bairro sustenta também mais duas outras comunidades: a do bairro da Figueira e a do Caminho da Cruz o que envolve mais ou menos 400 novas moradias. O Monte Verde sustenta esses dois outros bairros no seguinte sentido: eles dependem da linha de Ônibus Monte Verde, do centro comercial, da rede de esgoto, de água, da escola de 1º e 2º graus existente no Monte Verde, entre outras coisas.

Verifiquei também a existência de uma certa rivalidade entre as duas entidades administrativas do bairro. A grande rixa está em relação à política.

Segundo um membro da Aprocom, "o centro comunitário é comprometido com a política municipal e estadual vigente, enquanto a Associação não". Ainda de acordo com Edvaldo Zavarize, "o Centro Comunitário tem esse rabo preso com a política já desde o seu surgimento como instituição no país. Ele explica que os Centros de Integração Comunitária foram criados no período pós-golpe de 64, como forma de controlar e conseqüentemente manipular as pessoas, principalmente no sentido ideológico."

Estive igualmente no Centro Comunitário do Monte Verde a fim de saber a quantas andava o bairro, qua a população local, os problemas, as soluções, etc. Tive a oportunidade então, de conversar com o representante do presidente do Centro, que não pode me atender pois estava de saída. Foi então que soube superficialmente do projeto Beija-Flor, que detalharei a seguir, e também da horta comunitária.

ria e da Aprocom. Com a indicação de um funcionário da horta, cheguei a casa de Edvaldo Zavarise e sua esposa Denise, onde obtive detalhes e uma noção visual de como se formava o bairro. Isso porque a casa deles situa-se em um ponto alto do bairro, e de lá tem-se a vista de quase todas as 23 quadras que o formam. Aí, com muita paciência, Denise passou em revista tudo o que sabia sobre o Monte Verde, onde mora a cinco anos. O problema fundamental da comunidade está na rede de esgoto. Segundo ela a Cohab não construiu uma rede adequada para o bairro, como fossa e sumidouro em casa casa, e nega qualquer responsabilidade a respeito, passando a bola para a prefeitura que diz não ter verba. O resultado foi a canalização precária e direta da casa para um córrego que atravessa o bairro. O problema maior é que os moradores canalizaram o esgoto e construíram sobre a canalização, então quando dá algum problema a coisa se agrava ainda mais, pois o jeito para desentupir a tubulação só existe se for derubado o que está construído em cima. Mas Denise aponta uma solução: "na quadra 9 houve um problema grave, os moradores junto com a Aprocom fizeram uma rede de esgoto própria que conta com pontos estratégicos de sumidouros, - que facilitam o desentupimento da rede caso surja algum problema". Mas isso precisaria ser feito em todas as 23 quadras, e como já disse a prefeitura não dispõe dos 450 mil cruzados novos necessários para a obra. (será?) Denise aponta mais um agravante. "Esse é um problema grave da comunidade, mas ela não o sente, só quando o problema começa a voltar no seu quintal". Ainda de acordo com essa concepção, "se for feita uma pesquisa na comunidade sobre as dificuldades existentes, a mais apontada seria a do transporte coletivo", que realmente também é deficitária.

Para saber realmente o que a comunidade precisa é claro que este projeto não se aterá às conclusões citadas acima. A intenção é consultar os moradores do bairro a respeito dos problemas. Para isso serão elaborados questionários que serão distribuídos e aplicados entre os moradores do bairro. Mas este é um dos próximos passos.

Antes de encerrar esse capítulo porém, gostaria de falar um pouco sobre o Projeto Beija-Flor. O sistema consta basicamente de uma triagem do lixo antes de ser recolhido pela Comcap. O projeto foi aplicado experimentalmente há três anos no bairro e ainda existe

embora precariamente. Porquê? Segundo Denise, "falta divulgação, ainda não foi tornado moda pelos Meios de Comunicação de Massa".

O projeto Beija-Flor, consiste no seguinte: cada morador deve separar seu próprio lixo da seguinte forma: lixo orgânico, lixo inorgânico aproveitável (garrafas, plásticos, papel, etc.) e lixo inorgânico inaproveitável (lixo de banheiro). O lixo teria que ter uma colheta especial. Depois de separado, o lixo orgânico é aproveitado na horta comunitária ou mesmo particular; o lixo inorgânico aproveitável é vendido e a verba revertida para as necessidades da comunidade, que agora constrói uma creche com o dinheiro arrecadado; e finalmente, o lixo inorgânico inaproveitável seria incinerado.

O projeto já ganhou espaço na imprensa nacional como alternativa para um problema mundial, mas o governo não incentivou o projeto, e agora existe esta preocupação por parte dos que acham que o projeto vale a pena.

- Cronograma.

O primeiro passo será a aplicação de um questionário, na comunidade, para verificar em nível se dá a aceitação da rádio AM enquanto agente social. O questionário terá os seguintes pontos:

- Ouve rádio?

() sim () não

- Se a resposta foi sim, qual a sua preferência: rádio AM ou FM?

R: .

- Se a resposta foi rádio FM, diga porque prefere esta a outra.

R:

- Se a resposta foi rádio AM, diga que tipo de programação mais gosta.

R:

- Você gostaria de poder participar nos programas de rádio para reclamar ou pedir a solução de algum problema que esteja acontecendo no seu bairro?

R:

- Você acha importante um programa que fale sobre os problemas comunitários?

R:

- Você acha que através da rádio é possível resolver os problemas da sua comunidade?

R:

- Você acha que os programas que existem atualmente nã s rádios são bastante informativos?

() sim () não

- Porque?

R:

O segundo passo será então, a aplicação de um outro questionário. Agora o objetivo é detectar os problemas mais urgentes da comunidade. Os questionários serão aplicados nas 23 quadras do bairro assim como na escola, onde os entrevistados serão alunos do 2º grau. O questionário será o seguinte:

- Assinale quais dos problemas abaixo são mais comuns no seu bairro. Pode-se assinalar mais de uma alternativa.

() Falta de água encanada

() Falta de Ônibus

() Falta de luz

() Falta de escolas

() falta de professores

() Falta de um rede de esgoto eficiente

() Falta igreja

() Falta lojas, farmácias, supermercado, etc.

() Falta Ponte

() Falta área de lazer

() Falta calçamento

() Falta telefone público

() Precisa ter um serviço de limpeza mais eficiente no bairro

() Falta creche

() A colbeta de lixo é ineficiente

- Diga onde existe o (os) problema (s) que você destacou acima e quais os prejuízos que isso vem causando.

R:

- Existe mais alguma deficiência no seu bairro? Diga qual é e onde ocorre.

R:

- Tem alguma observação para fazer?

R:

Esse questionário poderá ser modificado de acordo com os resultados obtidos na primeira pesquisa, ou com as prováveis mudanças estratégicas que venham ocorrer.

A partir daqui parto para o programa em si. Localizado o problema, resta abordá-lo nos moldes que descrevi na página 13, observadas as restrições técnicas. O último passo será a edição e a gravação do programa.

Tendo em vista o processo, a idéia é desenvolvê-lo no seguinte tempo:

Até 15 de setembro- Esquematizar o programa

- Definir a linguagem
- Rever os questionários e a forma de aplicação

Até 30 de setembro- Aplicar os questionários

- Levantar o problema

Outubro- Elaboração e execução das entrevistas com a comunidade e com o órgão responsável

Novembro- Montagem do programa

-Orçamento.

Será necessário para o desenvolvimento deste trabalho:

- um gravador portátil a disposição durante a elaboração do projeto,
- 15 fitas cassetes de 90 min.
- 10 jogos de pilha
- papel e caneta
- 300 cópias de xerox
- Disposição de um técnico de áudio por 15 dias
- Disposição de horário no laboratório de áudio por 15 dias.
- Acesso a equipamento de áudio, bem como aos discos
- uma máquina de escrever

- Bibliografia.

SPERBER, George Bernard

Introdução à Peça Radiofônica. E.P.U.

RICCORDI, Paulo de Tarso

Rádio Marca Diabo, Monografia, 1984

GREENWOOD, Ernest

Metodologia de la Investigacion Social. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1973

ALBERSHEIM, Ursula

Uma comunicação teuto-brasileira: Jardim, R.J. INEP/MEC, 1962

GROSSI, Miriam e Carmem Silvia Rial

Áudio-leitura de um programa de rádio.

BARTHES, Roland

Elementos de semiologia

BARTHES, Roland

O Prazer do Texto. Lisboa, Edições 70, 1973

ARNHEIM, Rudolf

Estética Radiofônica. GG Mass Media, 1976

GOLDEFEDER, Miriam

Por trás das Ondas da Rádio Nacional, Paz e terra, 1980

LOPES, Sait-Clair

Radiodifusão Hoje, Ed. Temário, 1970

A Regionalização da Produção da Televisão e do Rádio. Confenata/Sated

R. J. , 1989

ORTRIWANO, Grasiela Swetlana

A informação no rádio, Summus editorial, 1985